# 1º Encontro da Rede de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres chega ao fim com discussões sobre gênero e novas políticas públicas

**Date :** 14-03-2024

Após dois dias de discussões no auditório Lúcia Dórea, no Cemae, encerrou-se nesta quinta-feira (14) a programação do 1º Encontro Municipal da Rede de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres, que trouxe diferentes abordagens sobre o tema “Desafios contemporâneos na busca por autonomia: garantias e perspectivas”.

A parte matutina das atividades envolveu debates sobre segurança pública. E à tarde, foram realizados dois painéis. O primeiro, intitulado “Políticas públicas e enfrentamento à violência: desafios, avanços e perspectivas”. Na segunda parte da tarde, o público teve acesso ao segundo painel, desta vez sobre o tema “A importância da perspectiva de gênero no enfrentamento à violência contra mulheres”. Houve apresentações de boas práticas da rede de enfrentamento à violência contra as mulheres e participação de Rodrigo Ferreira, coordenador do Núcleo de Prevenção e Monitoramento da Violência nas Escolas, vinculado à Secretaria Municipal de Educação (Smed).

O primeiro painel foi um compartilhamento da experiência desenvolvida em Salvador, por meio da Casa da Mulher Brasileira, equipamento inaugurado em dezembro de 2023, que já prestou

atendimento a mais de 1.080 mulheres vítimas de violência. No espaço, cuja implantação e manutenção envolvem recursos dos governos Federal, Estadual e Municipal, é possível ter acesso a serviços de diferentes instâncias dedicadas a atender mulheres em situação de violência doméstica.

Os trabalhos foram conduzidos por duas convidadas: a secretária de Políticas para Mulheres, Infância e Juventude da Prefeitura de Salvador, Fernanda Lordêlo, e a coordenadora de um dos setores da pasta, o Núcleo de Enfrentamento e Prevenção ao Feminicídio (NEF), Iracema Silva.

Fernanda Lordêlo

Iracema Silva

A secretária defendeu que a experiência soteropolitana seja ampliada, já que a questão da violência contra as mulheres é um problema generalizado. “É importante estarmos aqui juntos, em rede, dialogando para além de Salvador, porque o problema do feminicídio e da violência perpassa por todos os territórios do nosso estado”, avaliou Fernanda, mencionando o resultado de uma pesquisa recente, na qual a Bahia ocupa o terceiro lugar, entre os estados analisados, em número de feminicídios e outros casos de violência contra a mulher. Entre os estados do Nordeste, a Bahia registrou o maior número de casos desse tipo de crime.

“O trabalho realmente precisa ser articulado em todos os territórios. Então, quando nós estamos aqui, compartilhando as nossas boas práticas, é exatamente buscando, com todos os órgãos da rede de proteção, mecanismos, modos e meios de minimizar esses números”, defendeu a gestora.

Iracema Silva falou sobre o trabalho do NEF com homens que já cometeram violência contra mulheres – muitos deles, inclusive, tendo sido impedidos de se aproximar novamente de suas vítimas, por responderem a medidas protetivas. Lá, os homens agressores são divididos em grupos reflexivos e passam por uma experiência que dura um ano e três meses.

“Essa é também uma demanda muito específica, mas de importância para a prevenção à violência”, explicou a coordenadora. “Eles passam por um processo de reeducação, desconstrução do machismo, a inteligência emocional, a masculinidade tóxica, o relacionamento abusivo, para que os atos de violência não se repitam”, relatou Iracema.

**‘A gente vivencia isso’**

“Eu percebo que foi importante trazer essa discussão”, avaliou Mariana Moraes, que atua como supervisora do Programa Primeira Infância no SUAS (PIS). Ela participou dos dois dias do evento e registrou informações sobre diferentes momentos da programação. “Hoje, tiveram explicações sobre como funciona o processo judiciário, e as pessoas tiraram suas dúvidas. E, sobre a Lei Maria da Penha, a aplicação dela e como ela funciona, inclusive no âmbito virtual. Ontem, à noite, foi interessante o detalhamento de como funciona a Casa Rosa e a importância de que seja um lugar sigiloso, que preze pela segurança e pela autonomia das mulheres”, contou Mariana.

Outra participante, a assistente social Luciana Silva, comprovou que o conteúdo das discussões terá influências em seu trabalho diário, no Centro de Referência de Assistência Social 7 (Cras 7 – Nossa Senhora Aparecida). “A gente já vem vivenciando isso”, afirmou. “O Cras está de portas abertas para isso. Para levar essas mulheres a entender qual caminho percorrer, para, juntamente com elas, enfrentar essa violência”, concluiu a assistente social.

**Desconstruindo o patriarcado**

Para a anfitriã do evento, a secretária municipal de Políticas para Mulheres, Viviane Ferreira, o evento serviu para que o público participante tomasse conhecimento sobre práticas de prevenção e combate à violência de gênero – algo que, segundo ela, é bem mais complexo e profundo do que pode parecer. “Esse encontro, para nós, é de suma importância, sobretudo para a reflexão da nossa sociedade. As pessoas precisam compreender e enfrentar a violência contra a mulher, educar os filhos e desconstruir essa cultura do machismo e do patriarcado. Isso é de suma importância para que a gente possa vencer a violência em seus diversos ciclos”, observou Viviane.

Viviane Ferreira

Luciana Silva e Mariana Moraes